

Comerciário ameaça entrar em greve no dia 31

Fotos: Aldori Silva

«O dia de hoje é de protesto pelo desrespeito dos patrões ao feriado da classe, à situação de arrocho salarial da categoria e às más condições de trabalho. Mas o troco virá no dia 31 de outubro, com a decretação da greve geral». A declaração é do presidente do Sindicato dos Comerciários de Brasília, Raimundo Neves, que informou que os comerciários de Sobradinho, Gama, W/3 Sul e Ceilândia, já realizaram assembleias que decidiram pela paralisação.

Segundo o presidente do sindicato, a assembleia geral da categoria será no próximo dia 30 de outubro, às 20h00, em local ainda a ser marcado, mas considera que a deflagração da greve «é certa». «O comerciário está conscientizado de que agora não tem mais nada a perder, já que os comerciantes não respeitam as convenções trabalhistas, e nem mesmo a Lei».

Ele reconhece que os comerciários «nunca foram capazes de realizar uma greve para valer», mas ressalta que este quadro muda este ano, «diante do quadro formado pelos patrões». Para ele, o grande fator de mobilização da categoria neste ano está no fato de que «a maioria dos comerciários ganha Cz\$ 3.200, embora o patronato diga o contrário. Covenhamos que, de repente ser despedido pode até abrir as portas a salários mais dignos».

O sindicalista afirmou ainda, que o argumento da demissão ou corte de ponto usado pelos comerciantes para impedir uma paralisação, também não terá respaldo. Ele disse que a greve, sendo geral, não haverá possibilidade de demissões em massa, e, o máximo que poderá acontecer, é a rotatividade de mão-de-obra, com um comerciário demitido indo para o lugar de outro que foi despedido, e vice-versa.

«Má vontade»

«O que acende o ânimo dos trabalhadores», frisou o presidente, «é o próprio descumprimento das leis por parte dos patrões». Como exemplo, ele ressaltou que, na última convenção, os empregadores afirmaram que a comemoração do Dia do Comerciário redundaria em feriado, e isto não aconteceu».

Movimento foi normal ontem

Os comerciários comemoraram o seu dia trabalhando. Ontem, à exceção de poucas lojas, o comércio da cidade funcionou normalmente. Mas, quem não teve folga, terá direito a pagamento em dobro pelo dia de trabalho, conforme determina a cláusula 39 da convenção coletiva do ano passado. Segundo o presidente do Sindicato dos Comerciários, Raimundo Neves, uma equipe de diretores da entidade passou em vários lugares, alertando os comerciários sobre este direito e explicando que estavam atentos para o cumprimento do acordo.

Para o presidente da Federação dos Trabalhadores do Comércio do Distrito Federal, José Neves, o fato dos patrões terem preferido pagar dobrado ao invés de liberar os empregados mostra «a ganância deles pelo lucro fácil». Para ele, «não há valorização do trabalhador». Por isso, continuou, «é fundamental a implantação da semana inglesa, principal reivindicação dos comerciários, que propõem o fechamento das lojas ao meio dia, nos sábados».

José Neves garante que a categoria está mobilizada e acabará conquistando esse direito. Ele lembrou que, há oito anos, os comerciários em Brasília não tinham folga, trabalhavam, inclusive, aos domingos e feriados. E, segundo o sindicalista, essa jornada prolongada não gerava mais empregos, nem melhores salários. «Era pura exploração», ressaltou, dizendo que a situação hoje não mudou muito.

Comerciários

«Se eu não trabalhasse no sábado à tarde teria tempo para passear com meus filhos», reclama a balconista Angelita Feliciano Santana. Ela contou que, nos domingos, põe o serviço de casa em dia, porque no meio da semana fica difícil. Trabalhando das 8h00 às 18h00, no Armazinho Alvorada da 204 Sul, Feliciano gosta do que faz, especialmente por causa do trabalho muito corrido e o salário: quase Cz\$ 4 mil.

Com este salário, Angelita Santa, casada com um funcionário público e mãe de dois meninos, não

Mas, outros itens são apontados pelo sindicalista para exemplificar «a má vontade patronal em relação às leis». Raimundo Neves afirmou que, contrariando a convenção, realizam balanço das firmas aos domingos, elaboram duas folhas de pagamento, não dão comprovante do salário real do funcionário, não pagam as duas primeiras horas extra sobre 50% do valor total. «Sem contar o número de demissões de mulheres gestantes. Hoje, mais da metade dos processos impetrados pelo sindicato junto à Justiça Trabalhista é para defender o direito destas pessoas», disse.

Promessa não paga

Segundo Raimundo Neves, o empresariado do comércio «é notório no descumprimento de sua palavra». Como exemplo, ele citou o acordo feito entre a Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e a Confederação Nacional do Comércio, para pagar o resíduo salarial dos trabalhadores do setor. «Até hoje, eles nunca cumpriram esta promessa».

«É esta característica do empresariado», ressaltou Neves, «é um incentivo à paralisação. Contexto que é agravado», disse o sindicalista, pela ação do Governo no setor. «Há pouco, o Ministério do Trabalho aprovou medida permitindo o comércio aos domingos à margem das rodovias, e isentou de fiscalização firmas com até 10 funcionários, justo o setor de maior empresas de Brasília».

«O último golpe contra a categoria», na opinião de Raimundo Neves, «foi desferido pelo Presidente José Sarney. «A aprovação do decreto que criou o programa «Bom Menino», permitiu que menores de 16 anos fossem contratados pelas empresas sem qualquer vínculo empregatício. Com a finalidade de dar emprego, o Governo propiciou o aviltamento do trabalho do menor, que, por exemplo, trabalha nos supermercados sem carteira assinada, mais de 10 horas ao dia».

As reivindicações dos comerciários são as seguintes: reajuste salarial de 112%, piso salarial de Cz\$ 8.000,00, semana inglesa, salário fixo para vendedor de Cz\$ 7.200,00, fixação do dia 30 de outubro como Dia do Comerciário, entre outras.

consegue fazer muita coisa. Morando no setor P-Sul da Ceilândia, grande parte do que recebe é consumido nas passagens dela e do filho, que estuda no Plano.

Ganhando três vezes mais que Angelita e trabalhando menos horas, o vendedor Marco Antônio Souza Pimentel, da butique Fórum do ParkShopping, também quer a semana inglesa: «Trabalhando de 10h00 às 18h00, de segunda a sábado, o aluno do terceiro semestre de Comunicação do Ceub não tem muito tempo para estudar. «Ainda bem que o meu curso não exige muito», concluiu.

Marco Antônio quer ser jornalista, mesmo gostando de trabalhar com a moda. «Me identifiquei com o setor, é dinâmico e de vanguarda. E gratificante também ver as pessoas satisfeitas quando a gente diz que estão bonitas e bem produzidas. Mas não me completa, porque falta o lado intelectual», disse ressaltando que suas clientes têm «boa cabeça» e são jovens, na grande maioria.

Entre as várias reivindicações, que os comerciários esperam ver aprovadas antes do dia 30 deste mês, sob pena de deflagrarem uma greve geral, está a mudança da data do dia do comerciário. Segundo José Neves, desde 1942 esta data era comemorada no dia 30 de outubro, quando foi decretada a lei regulamentando o funcionamento do comércio. Mas, ao longo dos anos, esta data foi desrespeitada e, no acordo coletivo do ano passado, fixou-se o Dia do Comerciário em 19 de outubro, «por influência do sindicato patronal».

Mas, mesmo sendo item da convenção coletiva, o Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Frescas, Gêneros Alimentícios, Frutas e Verduras, Flores e Plantas de Brasília e a Associação dos Supermercados de Brasília não reconheceram a data comemorativa. Na semana passada, foi publicado um aviso à população, informando que o comércio funcionaria normalmente ontem, porque a data não era considerada feriado de lei. «Essas lideranças fizeram isto à revelia da própria Federação do Comércio».

Patrões garantem hora extra

A Federação do Comércio do Distrito Federal, a Associação dos Supermercados de Brasília, o Sindicato Varejista de Carnes e a Associação Comercial do DF, garantiram ontem que os funcionários que trabalharam no Dia do Comerciário terão suas horas de serviço pagas em dobro. Segundo as entidades patronais, o dia de ontem não era feriado para os comerciários e cabia aos patrões dispensar seus trabalhadores ou não.

De acordo com o presidente da Federação do Comércio, Newton Rossi, a convenção trabalhista, assinada no ano passado e com vigência até o próximo dia 31 de outubro, «não afirma que no Dia do comerciário haveria a dispensa dos funcionários». Ele disse que o documento afirma que o Dia do Comerciário será comemorado no dia 19 de outubro, ficando a cargo dos comerciantes optar por dar folga a seus funcionários ou pagar o dia em dobro.

Sua opinião é compartilhada pelos presidentes da Associação dos Supermercados de Brasília, José Humberto Araújo, ao ressaltar que na maioria do comércio, a

opção feita foi pelo pagamento em dobro do dia, orientação que será cumprida como manda a convenção trabalhista. Esta situação foi confirmada pelo presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Carnes, Joaquim Borges, e pelo presidente da Associação Comercial do Distrito Federal, Nuri Andraus.

O presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal, Newton Rossi, informou ontem que os sindicatos patronais do comércio vêm realizando suas assembleias para a discussão do acordo salarial com os comerciários. Ele garantiu que até o próximo dia 21, às 18h00 estará pronta a avaliação dos comerciantes sobre a pauta de reivindicações do Sindicato dos Comerciários.

A avaliação patronal feita sobre as reivindicações dos comerciários será apresentada à Delegacia Regional do Trabalho, no dia 22, às 15h00, na reunião de negociação entre as partes. Os comerciários reivindicam, entre outros itens, jornada de trabalho de 40 horas e piso salarial de Cz\$ 8.000.